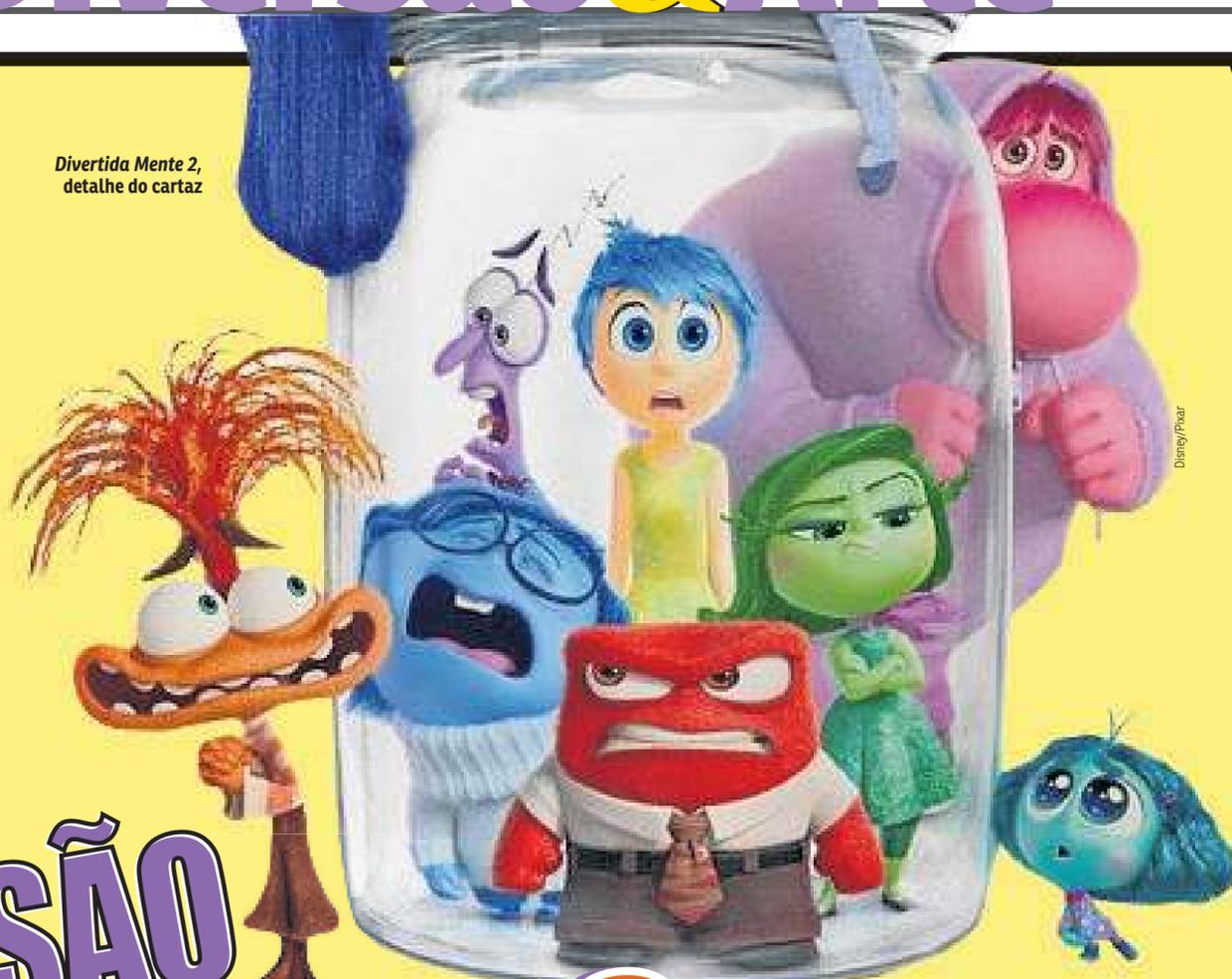


Diversão & Arte

Divertida Mente 2,
detalhe do cartaz



SÃO TANTAS

» RICARDO DAEHN

Bem longe da linha de organização que poderia figurar em qualquer diário confessional de uma menina em transformação para a vida pré-adulta, o enredo de *Divertida Mente 2* lida, diretamente, com o caos em torno, da agora crescida, heroína Riley, que teve a vida apresentada na animação anterior, exibida em 2015. Depois de, a muito custo, ela dominar as emoções que pipocaram no primeiro filme — vencedor do Oscar de melhor animação (no ano em que o Brasil concorria com *O menino e o mundo*) —, Riley é apresentada a um caos emocional, quando o botão interno da puberdade é acionado.

O filme aponta para uma estreia muito bem-sucedida do diretor Kelsey Mann, em longas, depois de ele atuar na supervisão das histórias de *O bom dinossauro* (2015) e *Dois irmãos: Uma jornada fantástica* (2020).

Se moldar, ajustada a expectativas sociais, passa a ser um dilema da protagonista Riley. A alegria dela balança e caminha no fio da navalha. As emoções ganham, como no primeiro filme, corpos e atitudes, daí, muito do enredo envolver velhos conhecidos: estão presentes Tristeza, Nojinho, Raiva, Medo e Alegria.

As portas do ensino médio trazem a disposição da protagonista de investir num esporte: o hóquei. A empolgação vem embalada com uma fixação — a de jogar feito Valentina Ortiz, a capitã do vistoso time Falcões de Fogo. Uma temporada em uma colônia de esportes fortalecerá amizades, à medida que a família vai cedendo espaço, ao ser

colocada em ilhas (cerebrais, representadas no filme) mais distantes. Em posto privilegiado, ficam as amizades. Decepções abalarão algumas convicções de personagens que convivem com a moça que vê, interagirem na cabeça dela, um punhado de novas emoções.

A porteira estará aberta para O Tédio, A Ansiedade, A Vergonha e A Inveja. Mesmo que fora de hora, a Nostalgia desconta. No jogo do cotidiano, o abandono e o banimento de algumas emoções incrementarão o tabuleiro sentimental pelo qual serão redesenhadas as mudanças na vida de Riley, que ainda guarda muitos traços da menina

QUASE UMA DÉCADA DEPOIS DO PRIMEIRO CAPÍTULO, **DIVERTIDA MENTE 2** CHEGA ÀS TELAS DE CINEMA E APOSTA NO DESTINO DA PROTAGONISTA QUE VIVE O CAOS DE SENSACIONES

EMOÇÕES



Confira a entrevista em vídeo dos dubladores de *Divertida Mente 2*

de 11 anos, saída do Minnnesota e que viu a vida pelo avesso, diante da transferência de cidade, no primeiro filme. Um dos segredos da jovem, neste novo capítulo, diz respeito ao seu afã de se tornar popular, mudando (numa escancarada mentira) até mesmo o estado de origem dela, que passa a ser o Michigan. Pior é que, sim, as novas amigas se importam com isso.

LEQUE DE SENTIMENTOS



“Resposta entrar no time. É um filme que está no imaginário de muita gente. Não sei se teremos mais adultos ou crianças no cinema. Comecei ainda sem terminar de ler o livro *Nação dopamina*, que fala justamente do excesso de estímulos, sobre fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e, de repente, vem o tédio, quase que a exaustão de tantas emoções. O tédio acaba embolado, entre tudo isso. A ansiedade é uma emoção capaz de disparar, mas acho que o tédio está bem coladinho, em relação ao momento em que vivemos. Trabalhei com uma voz grave, ainda que o personagem tenha uma aparência mais feminina. Como todas as emoções, ela vai conversar com meninos e meninas.”

Eli Ferreira, que personifica o Tédio

“Estou (no filme) numa cabeça de menina, e uma menina traz consigo sentimentos de in e yang: positivos e negativos. A raiva e a alegria, para mim, são coisas yang. Tristeza e tédio são in. São coisas que compõem as emoções de todo mundo. Eu tenho, como a Katiúscia, vocação para a comédia: a gente quer levar as coisas para a galhofa, sim. Mas a tristeza no filme não vem como uma caricatura, é muito genuína e ela fez com muita delicadeza: dá vontade de pegar no colo. Assim como eu fiz uma raiva que me surpreendeu. Não sabia onde em mim ia achar aquilo. O trabalho de ator nos propicia isso: você não verá no meu trabalho musical muito componente de raiva. Nos Titãs, você verá isso, o tempo inteiro. Eles trabalham com esta energia.”

Leo Jaime, a voz da Raiva no longa-metragem



“A gente perdeu, por vezes, o lugar de contemplar a vida. Meu filho tem 11 anos de idade, às vezes (para ele deixar a internet), eu mexo no disjuntor e digo que faltou luz (risos), isso para não gerar sistemáticos conflitos. Já a tristeza é de todo mundo; não há quem não tenha nascido chorando. A tristeza faz parte da nossa vida: não tem como não olhar para a sociedade como ela é, hoje em dia, e não sentir tristeza. Como sagitariana, eu não fico alimentando isso. Eu a acolho, e deixo ela ir, depois, ocupando outro espaço. Mesmo um sentimento, a tristeza não uma coisa só.”

Katiúscia Canoro, que deu voz à Tristeza

O RETRATO DA CRIMINALIDADE

Sob nenhum tipo de risco, na comunidade da Cascatinha (Várzea Grande, no Rio), e com filmagens ainda no Pavão-Pavãozinho, o longa *Bandida — A número um*, de João Wainer, foi rodado com as dificuldades de acessar, com pesados equipamentos, a favela e recriar fases dos anos de 1970 e 1980. “Quanto à integridade, valeu a questão: ‘Não mexe comigo, e com ninguém, que está tudo certo’. O risco da equipe de cinema veio da experimentação. Apertar mais um parafuso das filmagens pedir interpretações tons acima”, conta o diretor ao *Correio*.

Interpretada por Maria Bomani, como uma líder do tráfico carioca, depois de ser vendida a um bicheiro local, interpreta a personagem Rebeca. A autora e personagem da vida real Raquel de Oliveira, por meio de livro, deu base para um enredo tenso. “Durante o processo do filme, a gente não conviveu muito. O combinado foi que ela não precisava ficar aprovando coisas; nos aproximamos mais, no final do filme, e foi muito emocionante ver como ela ficou e se sentiu representada. Só isso já valeu. ‘Coisas foram alteradas, mas sentimentos que eu gostaria de passar, com meu livro, foram alcançadas’, ela disse. Fiquei bem feliz”, conta o diretor. (RD)

Karyme França / Divulgação



Cena do filme *Bandida — A número um*

Entrevista // João Wainer, cineasta

Você acredita no incitar da violência, a partir de filmes violentos?

É aquela antiga discussão dos videogames: se incitasse, o mundo já teria acabado. O que tem de tiro, porrada e bomba. O filme, pelo contrário, é uma válvula de escape para pensamentos mais violentos. Claro que tem sempre uma pessoa perturbada, e que pode entender tudo errado. Mas, ela já tem isso consigo. Acredito que, por si só, não incite violência. As ações do filme não estão a serviço da violência. As ações do filme não estão voltadas a um clima violento. Na narrativa, o amor acaba entrando como fator importante. A violência era muito presente na Rocinha naquela época, e só piorou.

Como formatou o filme?

Tem uma coisa do *Bandida* que é ele trazer uma tinta a mais. Tentamos fazer um filme que fala de favela, mas colocamos um filme que começa com uma mulher consumindo droga, ouvindo Fagner (*Deslizes*), e soltando uma granada de bomba vermelha, ao ser cercada de tiro em volta dela. De cara, o filme sai do ponto da realidade daqueles filmes mais secos, mais duros e mais áridos de favela. Tenho ouvido que ele não tem uma cara desses outros filmes de favela (*Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*).

Bandida pode ser chamado de favela movie?

Trouxemos personalidade, por conta do uso da Betacam (uma câmera antiga, que minimizou o uso de material de arquivo). Criamos uma estética que colou uma ideia mais experimental e popular. Experimentações que tornaram o filme do cotidiano, sem investir na ideia cult. Buscamos algo mais comercial, mesmo porque ele tem uma coisa que o Tik Tok inspirou — o lance frenético. Há um registro meio sujo: as coisas acontecem de um jeito mais rápido tem muitas camadas e texturas sobrepostas. Se é um favela movie? Não sei... Será que todo filme que se passa em Ipanema é um Ipanema movie, em Copacabana é um Copacabana movie?

Como foi a passagem pelo jornalismo?

Ainda bem novinho, aos 19 anos, como fotógrafo, fui conhecer o diretor Cacá Diegues, e eu falei, ainda sem filtro social, que queria trabalhar com cinema. Ele deu a dica: “Fica uns 10 anos no jornalismo e você vai entender e trazer experiências que vão ser úteis no teu cinema. Muito do que você vai saber sobre um set de cinema virá da experiência com o jornalismo e com ter história para contar”. Nunca vou esquecer dessa dica; isso, de uma certa maneira aconteceu, sou um cineasta novo, acho que muito sempre refletirá um pouco do que eu vivi.